

Ellen dos Santos Oliveira

## O CICLO POMBALINO NA LITERATURA BRASILEIRA: O URAGUAI (1769), O DESERTOR (1774) E O REINO DA ESTUPIDEZ (1818)

### RESUMO

Este trabalho é uma análise de três poemas – *O Uruguai* (1769), *O Desertor* (1774) e *o Reino da Estupidez* (1818) – que foram produzidos a partir da segunda metade do século XVIII, em um momento importante da formação da Literatura Brasileira, um período influenciado pelas ideias progressistas e de preparação para a independência do Brasil, marcado pelo governo do Marquês de Pombal. Esses poemas, assim como uma vasta produção artística e cultural produzida, demonstram o engajamento de seus autores na política pombalina, ou seja: em *O Uruguai*, de Basílio da Gama, é retratada a luta pombalina contra os jesuítas; em *O Desertor*, Silva Alvarenga apoia a modernização dos estudos universitários empreendida pelo Marquês de Pombal; e em *O Reino da Estupidez* (1785), Francisco de Melo Franco satirizou o regresso da treva pré-iluminista e a volta da rotina com o declínio do Marques de Pombal e a ascensão da rainha D. Maria I ao trono português. Essas obras delineiam, assim, um ciclo Pombalino na Literatura Brasileira, em que cada obra reflete um momento importante e decisivo no governo de Pombal.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira; poesia neoclássica; pombalismo literário.

## THE POMBALINE CYCLE IN THE BRAZILIAN LITERATURE: O URAGUAI (1769), O DESERTOR (1774) AND O REINO DA ESTUPIDEZ (1818)

### ABSTRACT

This paper aims to analyze three poems - *O Uruguai* (1769), *O Desertor* (1774) and *O Reino da Estupidez* (1818) - which were produced from the second half of the eighteenth century, in an important moment of Brazilian literature formation, a period influenced by progressive ideas and in preparation for the independence of Brazil, marked by the government of the Marquis of Pombal. These poems, as well as a vast artistic and cultural production of the period, demonstrate the commitment of the authors in the Pombaline policy, ie: in *O Uruguai*, by Basílio da Gama, it is portrayed the Pombaline fight against the Jesuits; in *O Desertor*, Silva Alvarenga supports the modernization of higher education undertaken by the Marquis of Pombal; and in *O Reino da Estupidez* (1785), Francisco de Melo Franco satirized the return of pre-Enlightenment darkness and how the routine is back when the Marquis of Pombal falls and it is observed the rise of Queen Maria I to the Portuguese throne. Thus, these masterpieces outline a Pombaline cycle in Brazilian Literature, in such a way that each work reflects an important and decisive turning point in the government of Pombal.

**Keywords:** Brazilian Literature. Neoclassical poetry. Literary Pombalism.

## EL CICLO POMBALINO EN LA LITERATURA BRASILEÑA

### RESUMEN

Este trabajo es un análisis de tres poemas – *O Uruguai* (1769), *O Desertor* (1774) y el *Reino da estupidez* (1818) – que se produce a partir de la segunda mitad del siglo XVIII, en un momento importante de la formación de la Literatura Brasileña, un periodo influenciado por las ideas progresistas y preparación para la independencia de Brasil, marcado por el gobierno del Marqués de Pombal. Esos poemas, así como una vasta producción artística y cultural producida demuestran el compromiso de los autores en la política Pombalina, es decir: en *O Uruguai*, de Basílio da Gama, es retratada la lucha pombalina contra los jesuitas; en *O Desertor*, Silva Alvarenga apoya la modernización de los estudios universitarios llevada a cabo por el Marqués de Pombal; y en *Reino da estupidez* (1785), Francisco de Melo Franco satirizó el regreso de la oscuridad anterior a la ilustración y el retorno de la rutina con la caída del Marqués de Pombal y el ascenso de la reina D. María I al trono portugués. Esas obras perfilan así un ciclo Pombalino en la Literatura Brasileña, en el que cada obra refleja un momento importante y decisivo en el gobierno de Pombal.

**Palabras clave:** Literatura Brasileña; poesía neoclásica; pombalismo literario.

## LE CYCLE POMBALIN DANS LA LITTÉRATURE BRÉSILIENNE : L'URAGUAI (1769), LE DÉSERTEUR ( 1774) ET LE ROYAUME DE LA STUPIDITÉ ( 1818)

### RÉSUMÉ

Ce travail est une analyse de trois poèmes- L'Uruguai (1769), Le Déserteur ( 1774) et Le Royaume de la stupidité ( 1818)-qui ont été écrits à partir de la deuxième moitié du siècle XVIII, dans un moment important de la formation de la littérature brésilienne, une période influencé pour les idées progressistes et de préparation par l'indépendance du Brésil, marqué pour le gouvernement du Marquis de Pombal. Ces poèmes, ainsi qu'une vaste production artistique et culturel, démontre l'engagement de ses auteurs dans la politique pombaline, en d'autres termes : dans L'Uruguai, de Basílio da Gama, est démontrée la lutte pombaline contre les jésuites; dans Le Déserteur, Silva Alvarenga appuie la modernisation des études universitaires réalisée pour le Marquis de Pombal; et dans Le Royaume de la stupidité ( 1785), Francisco de Melo Franco a satirisé le retour de la ténèbre pré-Lumières et le retour de la routine avec le déclin du Marquis de Pombal et l'ascension de la Reine D. Maria I au trône portugais. Ces œuvres esquissent un cycle pombalin dans la littérature brésilienne, dans chaque œuvre reflète un moment important et décisif du gouvernement de Pombal.

**Mots-clés:** Littérature brésilienne, poésie néoclassique, Pombalisme littéraire.

## INTRODUÇÃO

A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII sinaliza um momento importante da formação da Literatura Brasileira. Trata-se de um período transitório, influenciado pelas ideias progressistas e de preparação para a independência do Brasil. Conforme Candido (2006b), o Brasil vivia a “Época das Luzes” e caminhava para a independência política e as teorias da emancipação intelectual, que contribuíram para o surgimento de uma consciência nacional, tema do nosso Romantismo Brasileiro após 1830. Tal período foi historicamente marcado pelo governo do Marquês de Pombal e isso foi muito oportuno ao Brasil e aos brasileiros. O pombalismo foi também exemplo do ideal setecentista de bom governo, desabusado e reformador (CANDIDO, 2006b, p. 105) marcado pelo despotismo esclarecido. Conforme observa o autor:

Para uma colônia habituada à tirania e carência de liberdade, pouco pesaria o despotismo de Pombal; em compensação, avultaram a sua simpatia pessoal pelos colonos, que utilizou e protegeu em grande número, assim como os planos e medidas para o nosso desenvolvimento. **Algo moderno parecia acontecer; e os escritores do Brasil se destacam no ciclo do pombalismo literário, com o *Uruguai*, de Basílio da Gama, justificando a luta contra os jesuítas; *O desertor*, de Silva Alvarenga, celebrando a reforma da Universidade; *O reino da estupidez*, de Francisco de Melo Franco, atacando a reação do tempo de D. Maria I** (CANDIDO 2006b, p. 105) [grifo meu].

Essas três obras citadas por Cândido (*O Uruguai*; *O Desertor* e *O Reino da Estupidez*, de Francisco de Melo Franco) incorporam as principais ideologias e o engajamento político de seus autores, enquanto atuantes intelectuais no cenário da ilustração luso-brasileira. Estas obras revelam o quanto seus autores se empenharam em louvar e exaltar os feitos pombalinos que transformaram a educação brasileira a partir da segunda metade do século XVIII.

É consenso que, dentre os principais feitos de Pombal, destacam-se: o papel que o ministro desempenhou na reconstrução de Lisboa após o terremoto de 1755; a destituição do poder da Companhia de Jesus em 1758, com a expulsão dos Jesuítas dos domínios portugueses em 1759; e as reformas do sistema de ensino, principalmente do ensino superior (OLIVEIRA, 2010; NUNES, 2013; ARRUDA, 2009; CARVALHO, 1978).

Assim, considerando que as obras retratam os feitos de Pombal desde a chegada do Marquês à cidade de Lisboa, após o terremoto de 1755 até a destituição de seu governo com o declínio do Reinado de D. José I, para o desenvolvimento desta análise, optar-se-á pela ordem proposta por Candido (2006b), ou seja, começando a análise por *O Uruguai*, de Basílio da Gama, em seguida com *O Desertor*, de Silva Alvarenga, e finalizando com *O Reino da Estupidez*, de Melo Franco, sem, no entanto, deixar de fazer pontes entre elas, a fim de descobrir, com maior precisão, como tais obras enquadram-se em um Ciclo Pombalino na Literatura Brasileira. Um Ciclo em que cada obra reflete um momento importante no governo pombalino.

Em *O Uruguai*, de Basílio da Gama, é retratada a luta pombalina contra os jesuítas, que objetivou reduzir o poder político da igreja e submetê-la integralmente ao Estado. Nesse poema épico, a intervenção de Pombal no cenário indígena se justifica por ser o ministro o libertador dos índios sob o domínio opressivo dos jesuítas. Assim, o índio é apenas um suporte para a celebração de Pombal, associada à desqualificação dos jesuítas (TEIXEIRA, 1999, p. 39-41).

Para Antonio Candido (2006<sup>a</sup>, p. 163), ao antijesuítismo de *O Uruguai* corresponde o pombalismo educacional dos dois poemas herói-cômicos (*O Desertor* de Silva Alvarenga, e *O Reino da Estupidez* de Francisco de Melo Franco), feitos para defender a reforma da Universidade e atacar o ensino escolástico, formando os três uma espécie de tributo às medidas transformadoras, referente aos feitos pombalinos, como se um gênio oculto insinuasse aos rapazes ultramarinos que elas abriam perspectivas favoráveis à superação do estatuto colonial.

Da mesma forma que Basílio da Gama, Silva Alvarenga apresenta uma posição ideológica e esté-

tica bem definidas ao escrever o poema herói-cômico *O Desertor* (1774), quando ainda era estudante em Portugal. No poema, Silva Alvarenga apóia a modernização dos estudos universitários empreendida pelo Marquês de Pombal por influência do pensamento ilustrado.

Com o mesmo espírito iluminista com que Alvarenga escrevera *O Desertor* em apoio à reforma universitária, Francisco de Melo Franco satirizou o regresso da treva pré-iluminista e a volta da rotina no poema *O Reino da Estupidez* (1785) (CANDIDO 1999, p. 34). Se no primeiro poema, Alvarenga retrata o Marquês de Pombal como sendo um “Gênio da Lusitânia” que “depois dos estragos da ignorância” “no teu seio / De novo atentas as amáveis Artes” (ALVARENGA, 1774, p. 07), já no segundo, Melo Franco retrata a Rainha D. Maria I como a “Deusa da estupidez” que “usurpara [...] o seu trono” (MELO FRANCO, p.03). Nesse mesmo poema, o autor diz que “já o Pombal faz tanta falta” e ainda invoca o retorno do “bom ministro” (idem, ibidem, p. 9). É assim que, aderindo às reformas brutais mas progressistas do Marquês de Pombal, os intelectuais brasileiros se opuseram em geral ao retrocesso que seguiu a sua queda (CANDIDO 2006a, p.163).

Desse modo, a análise seguiu essa linha de interpretação ao comparar essas três obras (*O Uruguai* de Basílio da Gama, *O Desertor* de Silva Alvarenga, e *O Reino da Estupidez* de Francisco de Melo e Franco), sob a perspectiva de um Ciclo Pombalino da Literatura Brasileira, em que cada obra denuncia o engajamento político de seus autores ao Governo Pombalino, levando em consideração o momento histórico e sua repercussão nas artes, em especial na literatura.

É importante frisar que, dentre os autores revisados, apenas Candido (2006 b) trata de *O Desertor* como obra de destaque no que denomina “ciclo do pombalismo literário”, juntamente com *O Uruguai*, de Basílio da Gama, e *O Reino da Estupidez*, de Francisco de Melo Franco, sendo, pelo menos, a segunda reconhecida como um clássico da literatura brasileira. No entanto, apesar de essas obras serem consideradas representativas de um período crucial da formação da literatura brasileira, são poucas as páginas críticas dedicadas à poesia neoclássica no Brasil. Dentre os poucos estudos

desenvolvidos acerca do pombalismo literário na literatura brasileira, embora muito substanciais, têm-se pesquisado ainda muito pouco devido à importância do período que compreende a segunda metade do século XVIII. Nesse sentido, Francisco Topa percebe que este período está ainda mal estudado e cita, como exemplo das consequências do relativo desinteresse da crítica literária, o autor árcade Manuel Inácio da Silva Alvarenga, que apresenta vários erros e julgamentos precipitados no que diz respeito à sua biografia e contextos histórico-cultural (TOPA 1997).

Diante disso, pretende-se com esta análise contribuir com a crítica e historiografia literária no que diz respeito ao estudo da literatura brasileira da segunda metade do século XVIII, e, possivelmente, complementar a fortuna crítica das obras *O Uruguai* de Basílio da Gama; *O Desertor* de Silva Alvarenga; e *O Reino da Estupidez* de Francisco de Melo e Franco, obras que se adequam ao espírito ilustrado da época e delineiam um Ciclo do Pombalino na Literatura Brasileira. Socialmente, este estudo poderá ajudar a compreender como o ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, com as Reformas Pombalinas, não só transformou a educação brasileira a partir da segunda metade do século XVIII, mas influenciou a cultura e as artes, principalmente no que diz respeito à literatura.

Para uma compreensão mais acurada sobre o contexto histórico e político de Portugal e do Brasil, até então colônia portuguesa, na segunda metade do século XVIII, foram de grande importância os estudos desenvolvidos por: Oliveira (2010); Nunes (2013); Arruda (2009); Carvalho (1978). Tais estudos proporcionaram uma ampla visão sobre as influências históricas e políticas que motivaram e/ou inspiraram a produção literária dos poetas árcades brasileiros, com destaque para os três autores supramencionados.

Tais obras foram analisadas sob a mesma perspectiva adotada por Ivan Teixeira (1999) em seu estudo *Mecenato Pombalino e Poesia Neoclássica*: Basílio da Gama e a poética do encômio, quando o autor considera que o núcleo da significação de *O Uruguai* encontra-se no louvor ao Marquês de Pombal, que implica o ataque aos inacionos, e não na valorização do índio enquanto elemento típico da terra do autor, como

geralmente é abordado pela crítica literária brasileira (TEIXEIRA, 1999, p. 32-33).

Assim, *O Uruguai*, de Basílio da Gama; *O Desertor*, de Silva Alvarenga; e *O Reino da Estupidez*, de Francisco de Melo e Franco, serão considerados e interpretados como obras integrantes do discurso ilustrado português, dando ênfase às suas principais temáticas que resultam no domínio das luzes, que são o antijesuitismo e o pombalismo. Para desenvolver essa linha de interpretação, esta pesquisa contará com as contribuições de: ALBUQUERQUE (1975); CANDIDO (1996, 2006 a, 2006 b); NEJAR (2011); NUNES (2011); SILVA (1864); TEIXEIRA (1999); TUNA (2009).

Nesse sentido, para interpretá-las como obras iconográficas do Ciclo Pombalino na Literatura Brasileira, será adotada a primeira definição básica para a palavra “ciclo”, apresentada por Larousse (2001), que diz respeito a uma “Série de acontecimentos ou fenômenos que se sucedem numa ordem e período determinados” (LAROUSSE, 2001). Assim, serão considerados como acontecimentos e fenômenos os feitos de Sebastião Carvalho de Melo, o Marquês de Pombal, enquanto ministro de Portugal durante o reinado de D. José I.

Antes de adentrar na análise das obras, cabe salientar que, Segundo Franco (2007), as Reformas Pombalinas tiveram como base os ideais Iluministas que eram pregados por um grupo de intelectuais e políticos que surgiu em Portugal no século XVIII. Trata-se de revolucionária reforma educacional feita na Universidade portuguesa que destituiu os jesuítas das funções de administração e magistério até então exercidas. A partir daí, foi criada a faculdade de Filosofia e de Matemática que, juntamente com a de Medicina, compunham a congregação Geral das Ciências e suas disciplinas de História Natural, Física, Química, e Geometria passaram a ser pré-requisitos obrigatórios para todos os alunos dos demais cursos. Também significou a obrigatoriedade da formação de nível superior para os matemáticos e determinou o surgimento de um novo profissional: o naturalista. Segundo Arruda (2009, p.?),

Dos muitos feitos de Pombal, os que mais destaque ainda hoje recebem da historiografia acerca de sua vida e obra são: o papel que

teve na reconstrução de Lisboa após o notório terremoto de 1755 – evento após o qual recebeu do monarca autoridade sem paralelos; a destituição do poder temporal da Companhia de Jesus, a 1758, com a expulsão de todos os membros daquela ordem dos domínios portugueses, a 1759; e, acima de tudo, as subsequentes reformas do sistema de ensino, em especial do ensino superior.

## O POMBALISMO E O ANTIJEJUITISMO EM O URAGUAI

Começamos situando historicamente *O Uruguai*. A narrativa é centrada em uma fase importante do governo pombalino. O Rei D. José I, direcionado por seu poderoso ministro, já havia assumido o trono de Portugal e dado início a uma série de medidas para reconstruir a cidade de Lisboa, que havia sido totalmente destruída após o terremoto de 1755. Tais reformas conseguiram reanimar não só a população, que vivia um período de sobrevivência da grande tragédia, mas também um grupo de artistas e intelectuais que acreditaram e se engajaram na política pombalina, abraçando-a com esperança de superação e fé no progresso. Considerados como heróis nacionais, o Rei D. José I e o Marquês de Pombal foram exaltados em diversas obras artísticas e culturais do período. O soneto que abre o épico de Basílio da Gama, *O Uruguai*, faz referência a tal exaltação:

Ergue de jaspe um globo alvo e rotundo,  
E em cima a estátua de um Herói perfeito;  
Mas não lhe lavres nome em campo estreito,  
Que o seu nome enche a terra e o mar profundo.

Mostra na jaspe, artífice facundo,  
Em muda história tanto ilustre feito,  
Paz, Justiça, Abundância e firme peito,  
Isto nos basta a nós e ao nosso mundo.

Mas porque pode em século futuro,  
Peregrino, que o mar de nós afasta,  
Duvidar quem anima o jaspe duro,

Mostra-lhe mais Lisboa rica e vasta,  
E o Comércio, e em lugar remoto e escuro,  
Chorando a Hipocrisia. Isto lhe basta.

O poema é versado em louvores ao Rei D. José I, o “herói perfeito”, que fora homenageado, com uma estátua feita à sua imagem, pelos feitos pombalinos empreendidos em seu governo, evidenciando a perspectiva de mudança pelo “ilustre feito”. Se por um lado, o olhar do eu-lírico prevê uma “Lisboa rica e vasta” em um “século futuro”, por outro, já vislumbra o choro da “Hipocrisia”, que representa os padres jesuítas que serão atacados e expulsos, pelo novo rei de Portugal, de toda a colônia portuguesa.

O antijesuítismo em *O Uruguai* é uma característica marcante e peculiar da obra, uma vez que a narrativa do poema gira em torno da expulsão dos padres jesuítas das terras situadas à margem do rio Uruguai, o Brasil, que na época era colônia portuguesa. Esse sentimento de repúdio à igreja e aos padres, por parte da Coroa portuguesa é justificado no poema pelo fato de que os jesuítas se afastarem da supremacia do Rei e tornaram-se mais próximos dos índios, conforme é versado no poema:

Se aos Padres seguem os rebeldes povos?  
Quem os governa em paz e na peleja?  
Que do premeditado oculto Império  
Vagamente na Europa se falava  
(CANTO I, 153 – 156)

Para Basílio da Gama, essa aproximação dos padres com os índios era motivada por interesses de dominação da colônia. No poema, os jesuítas são acusados de serem os responsáveis pela rebeldia dos índios, que resistiam a entregar as terras na execução do Tratado de Madri, e por isso é a eles atribuída a culpa pela guerra, uma vez que somente os padres tinham o poder de persuadir os índios e evitar a guerra e o genocídio. Assim, Gama, sob a ótica do colonizador, não consegue ver sofrimento na rebeldia dos índios para defender sua terra.

Não sofrem tanto os índios atrevidos:  
Juntos um nosso forte entanto assaltam.

E os padres os incitam e acompanham.  
Que, à sua discricção, só eles podem  
Aqui mover ou sossegar a guerra.  
(CANTO I, 182 – 186)

Favorável à coroa portuguesa e à política pombalina, Basílio compartilha do entendimento de que grande parte dos problemas da Nação repousava acima de tudo no peso que a Igreja, e principalmente a Companhia de Jesus, desempenhava na organização da sociedade e na formação das atitudes, principalmente por conta de sua influência no sistema educacional. A esse respeito, Luis Antonio Verney (1952) escreveu que era “necessário abater o poder e a influência dos jesuítas, os quais, pelo controle da educação e pelo poder junto aos príncipes, constituem um dos males mais difíceis de resolver” (VERNEY, 1952, p. 260).

A luta contra a influência dos padres jesuítas sobre os índios é característica marcante em *O Uruguai*. Ex-aluno do colégio de jesuítas, Basílio da Gama mostra-se completamente desfavorável à educação implantada pelos inacianos nas colônias portuguesas e vê na política de Pombal um melhor destino para o país sedento de independência política e emancipação intelectual. Para alcançar esses fins, a educação dos padres jesuítas parecia um empecilho, já que colocava os índios contra a coroa portuguesa. Fazendo os índios ignorarem o rei português, conforme se lê na fala de Cacambo: “De que serve ao teu rei? Aqui não temos / Nem altas minas, nem caudalosos” (GAMA, 2009, p. 45).

Na perspectiva de Basílio da Gama, os índios, idealizados à *la Rousseau*, tinham uma boa índole até serem corrompidos e influenciados pelos padres jesuítas, rebelando-se contra a coroa portuguesa. Partindo dessa crença, o poeta atribui a culpa da rebeldia dos índios, o que culminou na guerra, aos padres:

A resistir-te em campo aberto. Pode  
Custar-te muito sangue o dar um passo.  
Não queiras ver se cortam nossas frechas.  
Vê que o nome dos reis não nos assusta.  
O teu está muito longe; e nós os índios  
Não temos outro rei mais do que os padres  
(CANTO II, 106 – 111)

Por isso que há de se concordar com Candido (1984) quando ele afirma que, embora Basílio celebre uma guerra destruidora, no fundo o poeta não simpatiza com ela e quase justifica o inimigo, que assim como os índios também são tratados como vítimas dos padres jesuítas, lamentando a necessidade cruel da razão do Estado (CANDIDO, 1984, p. 08).

O general Andrade, embora fale em nome da Coroa Portuguesa desde o início da narrativa, parece opor-se à guerra, conforme se nota em seu discurso iluminista, mas é durante a guerra que ele parece comprovar a inutilidade desta. No capítulo IV, após a morte de Lindóia, há uma cena, cuja narrativa é capaz de comover o leitor, quando Andrade presencia vários corpos indígenas massacrados enquanto os padres permaneciam protegidos e salvos em seus edifícios. Diante da cena, o guerreiro português chora:

Dos pobres índios, e no chão caídos  
Fumegavam os nobres edifícios,  
Deliciosa habitação dos padres.  
Entram no grande templo e vêem por terra  
As imagens sagradas. O áureo trono,  
O trono em que se adora um Deus imenso  
Que o sofre, e não castiga os temerários,  
Em pedaços no chão. Voltava os olhos  
Turbado o General: aquela vista  
Lhe encheu o peito de ira, e os olhos de água.  
(CANTO IV, 265-274)

Parece que é no canto V, quando, ao deparar-se com a realidade representada nas obras de arte, pinturas da Companhia de Jesus expostas no teto, que o general Andrade irá humanizar-se completamente, ao ver os crimes cometidos pela ordem, e compreender que os índios foram vítimas de tais barbaridades:

Na vasta e curva abóbada pintara  
A destra mão de artífice famoso,  
Em breve espaço, e Vilas, e Cidades,  
E Províncias e Reinos. No alto sólio  
Estava dando leis ao mundo inteiro  
A Companhia. Os Cetros, e as Coroas,  
E as Tiaras, e as Púrpuras em torno

Semeadas no chão. Tinha de um lado  
Dádivas corruptoras: do outro lado  
Sobre os brancos altares suspendidos  
Agudos ferros, que gotejam sangue.  
(CANTO V, 1-11)

Ao presenciar, nas obras de arte, tanta corrupção praticada pelos Jesuítas, Andrade fica sensibilizado com as consequências trágicas da guerra. Os índios guaranis, vendo seus entes queridos morrerem na guerra, também pareciam desejosos de paz e de um fim para aquele sofrimento. Ao que parece, o general e os índios almejam acabar com a guerra, e dar ouvidos à voz da razão.

Se, por um lado, os padres são narrados como lobos vorazes e traidores que abandonaram os índios à própria sorte em meio a uma guerra, conforme lê-se no fragmento abaixo:

Em trajes de caminho ambos os padres,  
Que mansamente do lugar fugiam,  
Desamparando os miseráveis índios  
Depois de expostos ao furor das armas.  
Lobo voraz que vai na sombra escura  
Meditando traições ao manso gado,  
Perseguido dos cães, e descoberto  
Não arde em tanta cólera, como ardem  
Balda e Tedeu. [...]  
(CANTO V, 108 – 116)

Por outro lado, o general “invicto Andrade” é narrado em generosidade ao reprimir a guerra após o genocídio e ao amparar e abrigar alegremente “chorosas mães, e filhos inocentes”, que lamentam a morte de seus entes queridos, e acabam cedendo ao colonizador.

O invicto Andrade; e generoso, entanto,  
Reprime a militar licença, e a todos  
Co’ a grande sombra ampara: alegre e brando  
No meio da vitória. Em roda o cercam  
(Nem se enganaram) procurando abrigo  
Chorosas mães, e filhos inocentes,  
E curvos pais e tímidas donzelas.  
Sossegado o tumulto e conhecidas

As vis astúcias de Tedeu e Balda,  
 Cai a infame República por terra.  
 Aos pés do General as toscas armas  
 Já tem deposto o rude Americano,  
 Que reconhece as ordens e se humilha,  
 E a imagem do seu rei prostrado adora.  
 Serás lido, Uruguai. Cubra os meus olhos  
 Embora um dia a escura noite eterna.  
 (CANTO V, 126 – 141).

O fim do episódio da guerra para a execução do Tratado de Madri termina com a expulsão dos jesuítas da colônia portuguesa e a submissão dos índios sobreviventes. Diante da aparente bondade do general, o guarani “reconhece as ordens e se humilha”. Logo, percebe-se a dicotomia vencedor e vencido, que fica evidenciada no poema através do contraste entre a alegria e brandura do colonizador e o choro e humilhação dos índios sobreviventes. Certo de ter feito um épico favorável aos olhos do Rei D. José I e à política pombalina, o poeta, confiante que o poema seria publicado com o aval do rei, suspira: “Serás lido, Uruguai”.

Após a expulsão dos jesuítas das terras portuguesas e o rompimento com o ensino eclesiástico, conforme mostrou o épico basiliano, o caminho estava livre para a implementação das reformas no ensino superior, e essas serão motivos de louvor e exaltação no Poema Herói-Cômico “O Desertor”, de Silva Alvarenga.

### **AS REFORMAS POMBALINASE/EM O DESERTOR**

O poema, classificado como herói-cômico, tem todos os elementos de uma epopeia clássica (proposição, invocação e divisão em cantos). No entanto, diferente de um épico cujo herói é um sujeito capaz de um enfrentamento de uma situação humano existencial que lhe é imposta em sua trajetória, o poema herói-cômico tem o modelo anti épico, ou seja, tem-se um sujeito que não é digno de heroidade pela sua incapacidade de tal enfrentamento.

O *Desertor*, de Manuel Inácio da Silva Alvarenga, é um poema narrativo em estilo solene que encerra um assunto banal e ridículo. Os cinco cantos giram em torno de Gonçalo e seus amigos, que desertam da Universidade de Coimbra, fugindo dos cansativos e

exaustivos estudos, decorrentes da mudança no Ensino Superior, em busca de uma vida simples e feliz em uma cidade chamada Mioselha, onde morava o tio do protagonista. O poema é chamado herói-cômico porque abraça ao mesmo tempo uma e outra espécie de poesia, a heroica e a cômica, e faz uma crítica satírica aos hábitos e comportamentos de parte da juventude do período que se opõem às Reformas Pombalinas, exaltando o Rei D. José I e o Marquês de Pombal.

No poema de Silva Alvarenga, a narrativa se inicia na Universidade de Coimbra e a situação imposta a Gonçalo, sujeito central da história e que representa os estudantes da Universidade, são as Reformas Pombalinas implementadas no Ensino Superior. Nota-se, na invocação às musas e na proposição do poema, em que o eu-lírico/narrador apresenta o protagonista Gonçalo, que, ao invés de agir como um herói épico – o que seria permanecer na Universidade de Coimbra e aceitar as reformas no ensino, criando um esforço para se adaptar aos novos métodos de estudos implantada pelo ministro do Rei, o Marquês de Pombal, sob o pensamento ilustrado –, deserta da Universidade ao dar ouvidos à voz da Ignorância, pois estava acostumado ao ensino escolástico ministrado pelos Jesuítas até a chegada do Marquês de Pombal, que trouxe consigo “as luzes da verdade”:

Musas, cantai o Desertor das letras,  
 Que, depois dos estragos da Ignorância,  
 Por longos, e duríssimos trabalhos  
 Conduziu sempre firme os companheiros  
 Desde o loiro Mondego aos Pátrios montes.  
 Em vão se opõem as luzes da Verdade  
 Ao fim, que já na idéia tem proposto:  
 E em vão do Tio as iras o ameaçam.

E tu, que à sombra duma mão benigna,  
 Gênio da Lusitânia, no teu seio  
 De novo alentas as amáveis Artes;  
 Se ao surgir do letargo vergonhoso  
 Não receias pisar da Glória a estrada,  
 Dirige o meu batel, que as velas solta,  
 O porto deixa, e rompe os vastos mares  
 De perigosas Sirtes povoados.  
 (CANTO I, 1-16).



Em *O Desertor*, as Reformas Pombalinas são narradas de forma otimista pelo poeta. Nelas é retratado o rompimento com o ensino eclesiástico, que até então era desempenhado pelos padres jesuítas, e o início do ensino estatal. A obra narra desde a chegada do Marquês de Pombal à Universidade até os “grandes feitos” do ministro do Rei D. José I. Tais feitos são tratados como temas gloriosos de uma nação, e o Marquês de Pombal é referência logo no primeiro Canto, quando ele chega à Universidade de Coimbra trazendo “as Ciências”, na quarta estrofe:

Já o invicto Marquês com régia pompa  
Da risonha Cidade avista os muros.  
Já toca a larga ponte em áureo coche.  
Ali junta a brilhante Infanteria;  
Ao rouco som de música guerreira  
Troveja por espaços: a Justiça,  
Fecunda mãe da Paz, e da Abundância,  
Vem a seu lado: as Filhas da Memória  
Digna imortal coroa lhe oferecem,  
Prêmio de seus trabalhos: as Ciências  
Tornam com ele aos ares do Mondego;  
E a Verdade entre júbilos o aclama  
Restaurador do seu Império antigo  
(CANTO I, 33-45).

De todos os ministros do Rei D. José I, o Marquês de Pombal foi o que teve maior repercussão na Coroa e nas colônias portuguesas pela sua administração, seu empenho em reerguer Portugal e melhorar a economia do país. Pombal, conhecido como “ministro esclarecido”, incorpora, com tais reformas, a estética iluminista na Universidade e afasta a ciência baseada na “ignorância”. No poema, Alvarenga traz essa mudança estética ao situar Gonçalo como um estudante da Universidade de Coimbra acostumado ao ensino baseado na leitura de romances, na retórica, no ensino baseado na fé cristã e na subjetividade, considerado como um método de “Ciência antiga”, ultrapassado. Conforme mostra o trecho abaixo, em que Tibúrcio, influenciado pela ignorância, tenta convencer Gonçalo a desertar dos estudos, pois, na sua visão de “ignorante”, tudo havia mudado para pior:

Gonçalo, que foi sempre desejoso  
Da mais bela instrução, lia, e relia  
Ora os longos acasos de Rosaura,  
Ora as tristes desgraças de Florinda,  
E sempre se detinha com mais gosto  
Na cova Tristiféia, e na passagem  
Da perigosa ponte de Mantible.  
Repetia de cor de Albano as queixas  
Chamando a Damiana injusta, ingrata;  
Quando Tibúrcio apaixonado, e triste  
Ralhando entrou. Que esperas tu dos livros?  
Crês que ainda apareçam grandes homens  
Por estas invenções, com que se apartam  
Da profunda ciência dos antigos?  
Morreram as *postilas*, e os *Cadernos*:  
Caiu de todo a *Ponte*, e se acabaram  
As *distinções*, que tudo defendiam,  
E o *ergo*, que fará saudade a muitos!  
Noutro tempo dos Sábios era a língua  
Forma, e mais forma: tudo enfim se acaba,  
Ou se muda em pior.  
(CANTO I, 128 – 148).

Gonçalo, cedendo à voz da ignorância, deserta da Universidade de Coimbra e, demonstrando-se um grande orador ao proferir um discurso no pátio da Universidade, através de sua retórica, consegue convencer outros estudantes a abandonar os estudos. Forma, assim, a “Esquadra dos Desertores”, por ele liderada e composta por mais cinco estudantes, que são: Tibúrcio, Cosme, Rodrigo, Bertoldo, Gaspar e Alberto. Esses são os que acompanharam o Desertor:

Os que aprendem os nomes dos autores,  
Os que lêem só o prólogo do livro,  
E aqueles, cujo sono não perturba  
O côncovo metal, que as horas conta,  
Seguiram as bandeiras da ignorância  
Nos incríveis trabalhos desta empresa.  
(CANTO II, 43 - 48).

É importante salientar que a Ignorância é uma personagem personificada. É a antagonista da obra, responsável por toda ação negativa que acontece no

decorrer da narrativa. É ela quem guia Gonçalo e o esquadrão enquanto desertam da Universidade. Aparece inicialmente no Canto I, na sétima estrofe, tomando a forma de Tibúrcio, para tentar convencer o amigo e protagonista a desertar dos estudos. A partir daí passa a guiar Gonçalo e seus companheiros. No Canto III, na quarta estrofe, ela toma uma nova forma e “finge o rosto da bela Dorotéia” para convencer Rufino a guiar os companheiros até a cidade de Mioselha, e no Canto IV novamente assume a forma de Tibúrcio para enganar Amaro, e depois toma a forma de Marcela, fingendo ser uma velha que lia mãos para enganar Dorotéia. Durante toda a narrativa, a Ignorância se empenha em fazer com que os estudantes desertem da Universidade, e quando eles desertam, faz com que eles continuem firmes no caminho que lhes propõe, o caminho da Ignorância.

Se, por um lado, o poema apresenta essa rebeldia dos estudantes às Reformas Pombalinas, por outro lado o eu-lírico/narrador versa confiante que as Luzes triunfarão sobre a Ignorância, que em poucos dias será substituída pela Razão ilesa e pura. Os versos demonstram entusiasmo na chegada do pensamento iluminista, através de famosos professores que El-Rei fidelíssimo atraiu de diversas partes da Europa, abrindo caminho para os estudos Racionais, como a Física e a História Natural. No sonho de Gonçalo, as “Luzes da Verdade” exaltam a Reforma da Universidade de Coimbra:

Eu vejo renascer um Povo ilustre  
Nas armas, e nas letras respeitado.  
O seu nome vai já de boca em boca  
A tocar os limites do universo.  
(CANTO IV, 31 - 34).

Depois de passar por várias situações conflituosas, Gonçalo chega à cidade de Miosela, consagrando-se como um anti-herói por desertar da Universidade. Porém, não é aceito pelo seu tio, que tenta convencê-lo, com ameaças, a voltar aos estudos, mas permanece inflexível, firme na ignorância! O tio, conhecendo tudo que o sobrinho aprontou durante a viagem, e vendo-o como um mal exemplo para os estudantes da época, fecha a porta, impedindo-o de entrar em sua casa.

Nota-se o papel didático do poema, pois carrega implicitamente a intenção de educar a juventude do período. Gonçalo é apresentado aos leitores como um anti-herói que vive apenas com a glória de trazer consigo a derrota da estúpida Ignorância. Na última estrofe da obra o eu-lírico/ narrador finaliza advertindo à Ignorância:

Goza, Monstro orgulhoso, o antigo império  
Sobre espíritos baixos, que te adoram;  
Enquanto à vista de um Prelado ilustre,  
Prudente, Pio, Sábio, e Justo, e Firme  
Defensor das Ciências, que renascem,  
Puras as águas cristalinas correm  
A fecundar os aprazíveis campos.  
Brotam as flores, e aparecem frutos,  
Que hão de encurvar co próprio peso os ramos  
Nos belos dias da estação doirada.  
Possa a robusta mão, que o Cetro empunha,  
Lançar-te num lugar tão desabrido,  
Que te sejam amáveis os rochedos  
Onde os coriscos de contínuo chovem.  
(CANTO VIII, 258-271).

Com as Reformas Pombalinas, Portugal caminhava confiante no progresso e triunfante pela derrota da Ignorância, até a morte do Rei D. José I, em 1777, quando o país passou a ser governado por D. Maria I, cujo reinado será versado por Francisco de Melo e Franco como “O Reino da Estupidez”.

## **O REINO DA ESTUPIDEZ E O DECLÍNIO DE POMBAL E DO POMBALISMO**

*O Reino da Estupidez*, de Francisco de Melo e Franco, é um poema herói-cômico composto em quatro cantos, versos livres, e com proposição e invocação. De estilo satírico, o poema ridiculariza a Universidade de Coimbra, seu reitor, e ataca a rainha D. Maria I, que é apresentada como a “Estupidez”, logo na preposição do poema:

Não canto aquele herói pio e valente  
Que depois de ter visto a cara Pátria

A cinzas reduzida e campo vasto,  
 Mil perigos contrastando, um dima busca  
 Aonde com os seus ditoso seja.  
 A mole Estupidez cantar pretendo  
 Que, distante da Europa desterrada,  
 Na Lusitânia vem fundar seu Reino.  
 Dita-me, oh musa, que eu não posso tanto,  
 Os nobres feitos, e diversos casos,  
 Que a esta grande empresa acompanharam.  
 Viu feio monstro de cruel figura,  
 Desgrenhados cabelos, olhos vesgos.  
 (CANTO I, 1-13).

Com a morte do Rei D. José I, sua filha D. Maria I assumiu o trono. Vinda de uma educação religiosa, e sempre fiel ao cristianismo, a nova Rainha não só se opôs à política Pombalina como, também, demitiu e perseguiu o ministro e seus adeptos. Dentre os perseguidos, estava o estudante de medicina Francisco de Melo e Franco, que escreveu seu poema como uma forma de vingança por ter sido perseguido e preso pela inquisição, acusado de enciclopedismo após a morte de Pombal.

O poema narra a chegada da Estupidez que, depois de ser repelida das bandas do Norte, vem para a Europa – acompanhada do Fanatismo, da Hipocrisia, e da Superstição – reinar em Lisboa. Abaixo um trecho do poema, em que a Estupidez, em prantos por não achar abrigo na Alemanha, na França e na Inglaterra, é consolada pelo Fanatismo:

— A vosso e meu pesar já tendes visto  
 Que suamos em vão; Minerva impera  
 Nos duros peitos desta gente infame;  
 Deixemos, pois estes gelados climas,  
 Bem digna habitação de tais cabeças;  
 Daqui fuçamos para o meio-dia,  
 País de toda a Europa o mais ditoso;  
 Aqui mais resistência não teremos;  
 O povo habitador deste terreno,  
 Apesar dos passados contratemplos  
 A meu mando viveu sempre sujeito.  
 Não chores, cara irmã; o teu Império  
 Segundo creio, lá verás fundado.

Fugir, fugir desta inimiga terra.  
 (CANTO I,161-174).

No segundo canto, é narrada a chegada do esquadrão – formado pela Estupidez, o Fanatismo, a Hipocrisia e a superstição – à Lisboa. E é recepcionado pelo discurso da Raiva, que lamenta:

Acusa de infiel a sua sorte  
 Porque tenha num reino tal nascido  
 Que tantos Neros tem quanto fidalgos;  
 Diz que já o Pombal faz tanta falta  
 Porque ele era somente quem sabia  
 Desta raça abater o grande orgulho.  
 (CANTO II,101 – 106).

Mais adiante, a Superstição discursa e reafirma que Lisboa é o lugar propício para fundar o Reino da Estupidez, pois:

Lisboa já não é, torno a dizer-vos,  
 A mesma que há dez anos se mostrava.  
 É tudo devoção, tudo são terços,  
 Romarias, novenas, vias-sacras.  
 Aqui é nossa terra, aqui veremos  
 A nossa cara Irmã cobrar Seu reino.  
 (CANTO II,217-222).

Após a fala da Superstição, a Hipocrisia segue discursando e criticando a presença dos estrangeiros na cidade que se assumem portugueses, mas que, segundo ela,

É chamar-lhe, sem dúvida, macaco,  
 Somente imitador dos vãos caprichos  
 Das estranhas nações, não das virtudes.  
 Sem reboço, é chamar-lhe um ignorante,  
 Um confirmado tolo, que não sabe  
 Nem artes, nem ciências, nem comércio.  
 Miserável nação! Que fielmente  
 Os tesouros franqueia aos estrangeiros  
 Por chitas, por fivelas, por volantes,  
 E por outras imensas ninharias!  
 (CANTO II, 259-268).

Mediante os discursos da Superstição e da Hipocrisia, que dá um panorama atual da cidade, o Fanatismo fala confiante sobre a fundação do Reino da Estupidez na decadente Lisboa, oito anos após a queda de Pombal e três anos após sua morte, impregnada de religiosidade e estrangeiros que roubam a riqueza do país, o que justifica o atraso econômico da nação, e sugere:

Agora, pois, só resta que assentemos  
 Se deve ser aqui ou em Coimbra  
 A nossa cara Irmã entronizada.  
 Nesta Corte, anos há, se tem fundado,  
 Uma coisa, chamada Academia;  
 Mas isto, quanto a mim, sem diferença,  
 É um corpo sem alma que não pode  
 Produzir ação própria, ou um fantasma  
 Que em bem poucos minutos se dissipa.  
 O meu voto é que vamos demandando  
 O mesmo assento donde foi lançada  
 A mansa Estupidez injustamente.  
 Cobrar novos esforços é preciso,  
 Que por fim a vitória está segura.  
 (CANTO II, 366 – 379).

Após fundar seu Reino em Lisboa, a Estupidez segue com o esquadrão para a Universidade de Coimbra. No terceiro canto é narrada a chegada da Rainha à Coimbra:

A linda perspectiva da cidade  
 Que tem tanto de bela, quanto é dentro  
 Imunda, irregular e mal calçada.  
 A terra é pobre, é falta de comércio:  
 O povo habitador é gente infame,  
 Avarenta, sem fé, sem probidade,  
 Inimiga cruel dos estudantes,  
 Mas amiga das suas pobres bolsas.  
 Aqui de muito tempo está fundada  
 A nobre Academia Lusitana.  
 O monstro, que é dotado de cem olhos,  
 Que ao longe avista os mais pequenos vultos,  
 Que debaixo do teto o mais forrado  
 Nada se passa sem lhe ser notório;  
 O monstro, que por outras tantas bocas,

Quanto sabe e não sabe põe patente;  
 Aqui em altas vozes apregoa  
 Que vem a Estupidez em breve tempo  
 Seus domínios cobrar, seu diadema,  
 Armada de terrível companhia.  
 Na minha fantasia acende, Oh Musa,  
 Um fogo vivo; põe na minha língua  
 Expressivas palavras, com que pinte  
 As proezas que vou dizer agora.  
 A Acadêmica gente alvoroçada  
 Não pensa, não conversa noutra coisa;  
 Em quase todos, geralmente reina  
 Excessiva alegria e nos Conventos,  
 De que consta a cidade em grande parte,  
 Mandam os guardiões que os refeitórios  
 De mais vinho e presunto se reenchem.  
 (CANTO III, 16 – 46).

A rainha, a Estupidez, é aguardada pela “Acadêmica gente alvoroçada” que fazia circular a chegada da nova rainha, e o reitor Mendonça convocou um claustro universal para cerimônia solene:

Da Universidade o grande Chefe  
 Um claustro universal convoca logo,  
 Para que em pleno conselho votem todos  
 O que deve fazer-se neste caso.  
 (CANTO III, 47 – 50).

Na cerimônia, Mendonça, o reitor da Universidade de Coimbra, acena para que a Teologia comece a discursar. Logo, percebe-se a aversão aos novos métodos de ensino implementados pelo antigo ministro, que questiona as ciências trazidas pelo estrangeiro, e que são exaltadas no poema *O Desertor*, de Silva Alvarenga. Voltando ao poema de Francisco de Melo e Franco, e à recepção da Estupidez na Universidade, o primeiro a ter voz discursiva é o Lente de prima de Teologia, que diz:

Acaso precisais de mais ciência?  
 Se os dias desta breve e curta vida  
 Tivéssemos com os livros perturbado  
 Teríamos acaso mais prebendas,  
 Mais dinheiro, mais honra, mais estima?

De que podem servir estes estudos  
 Que mais da moda se cultivam hoje?  
 A bárbara geometria tão gabada  
 Que mil proposições, todas heréticas,  
 Aqui faz ensinar publicamente,  
 Sabeis para que presta neste mundo?  
 [A sua utilidade temos visto,]”  
 Diga-o a Inquisição e mais não digo.  
 Oh, góticos estudos nunca ouvidos  
 Nos tempos, em que tanto florescia  
 Um Seara, maior do que o seu nome  
 Um Pupilo, um frei Paulo de São Mauro,  
 Que sempre chorarão os frades bentos!  
 Histórias Naturais, Foronomias,  
 Químicas, Anatomias, e outros nomes  
 Díficeis de reter, são as ciências  
 Que vieram trazer os estrangeiros.  
 Há coisa mais cruel, mais desumana,  
 Mais contrária à razão, que ver os médicos  
 Um cadáver humano espatifando,  
 Um corpo que habitou o Espírito Santo?  
 (CANTO III, 87 – 112).

O Lente de prima de Teologia é totalmente descrente das ciências e crê ser uma falta de humanidade os estudos desenvolvidos pela Medicina. A visão religiosa, contrapondo-se às Ciências, é evidente e imponente nesse primeiro discurso, que conclui dando as boas vindas à nova rainha, a Estupidez:

Deixemos, pois, um dia, oh sábia gente,  
 Estes prestígios que nos têm cegado;  
 Ponhamos como dantes estas coisas  
 Em seu antigo ser; como bons filhos  
 Recebamos a nossa Protetora;  
 O que foi sempre seu, em paz governe”  
 (CANTO III, 122 – 127).

Logo mais, tem-se a fala de Tirceu – homem singelo, que consome seus dias sobre os livros – Lente de prima de Matemática, que discursa em defesa das Ciências, evocando a Memória do Marquês de Pombal e repelindo o culto da Estupidez, que implantava seu reino na Universidade:

— “Não é a glória vã de distinguir-me”.  
 Quem me obriga a encontrar a tantos votos  
 Que, por serem conformes, talvez sejam  
 Ao parecer de muitos, verdadeiros.  
 A glória do meu rei, o amor da pátria,  
 São dois fortes motivos que me impelem  
 A dizer francamente quanto penso.  
 Trazei, sábios ilustres, à memória,  
 Aquele tempo em que contentes vistes  
 Entrar nesta cidade triunfante  
 O grande, invicto, o imortal Carvalho,  
 Às vezes de seu rei representando;  
 Daquele sábio rei, cujo retrato  
 Inda agora me anima e me dá forças  
 Para que, em seu favor, em sua glória,  
 Derramando o meu sangue, exale a vida.  
 Vistes ao grão marquês, qual sol brilhante  
 De escura noite, dissipando as trevas,  
 A frouxa Estupidez lançar ao longe;  
 E erigir à ciência novo trono  
 Em sábios estatutos estribado  
 (CANTO III, 146 – 166).

Tirceu representa os amantes das Ciências e os devotos de Pombal, que permaneceram firmes no círculo pombalino, mesmo após sua morte, protestando contra o novo reino e no retrocesso que ele representava:

Que dor a tua, que aflição não fora  
 Ver sem fruto as vigílias, os trabalhos  
 Que por zelo da pátria padeceste!  
 Ver, sobretudo, ingratos e falsários,  
 Que afetando aparências de alegria,  
 No fundo do seu peito, idolatravam  
 A mole Estupidez, como uma Deusa!  
 Se o mesmo que então eras, hoje fosses,  
 Quisera, oh pai da pátria, que tivessem  
 Com a tua presença validade  
 As minhas vozes, o meu zelo ardente.  
 Ainda reinará, com mágoa o digo,  
 Na nossa Academia essa tirana,  
 Essa vã divindade. Mas protesto  
 Que nem hoje o aprovo, e que inimigo  
 Há de em mim encontrar, enquanto o sangue

Seu círculo fizer, neste meu corpo.  
(CANTO III, 186 – 202).

No poema, Tirceu satiriza e acusa de supersticiosos, hipócritas, fanáticos os que idolatram a nova Rainha como uma Deusa e finaliza seu discurso com lágrimas e palavras que “já presas ficaram na garganta”, simbolizando, talvez, a incapacidade dos devotos de Pombal de se expressarem a favor do pombalismo.

No quarto e último capítulo é narrada a chegada da Estupidez, que se hospeda no Convento dos cônegos da Santa Cruz, e recebe com amorosidade às eloquentes e entusiásticas alocações dos doutores da Universidade. A Rainha, a Deusa da Estupidez, aceitando a “geral confissão de vassalagem”, abençoa a todos:

— Em paz gozai (a Deusa assim profere)  
Da minha proteção, do meu amparo;  
Eu gostosa vos lanço a minha bênção.  
Continuai, como sois, a ser bons filhos,  
Que a mesma que hoje sou, hei de ser sempre.  
(CANTO IV, 315 – 319).

Assim, sob a ótica de seu autor, por não estimular o progresso científico e aceitar o método das “Ciências Antigas”, a rainha é e sempre será a “Deusa da Estupidez”. Considerando a estética do gênero, uma anti-heroína nacional, pois para ser consagrada como heroína seria necessário um enfrentamento humano existencial por parte da rainha, que seria uma posição favorável à ideologia pombalina. Isto é, o comportamento esperado para a rainha seria o que desse continuidade ao progresso incentivado pelo seu pai, o Rei D. José I, apoiando o pombalismo e não o contrário, como ela fez apoiando a igreja e se opondo à política de Pombal.

No poema, têm-se o cenário da Universidade de Coimbra após o declínio de Pombal e do pensamento iluminista. Vemos o fortalecimento da Igreja e o retrocesso do progresso científico, que é questionado e desacreditado pelos portugueses mais tradicionalistas e religiosos que veneram e louvam a chegada da Estupidez, que traz consigo a Superstição, a Hipocrisia, o Fanatismo. Esses personagens alegóricos encarnam tudo aquilo que Pombal tentou afastar do Estado e da Universidade: a Igreja e a religiosidade.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em *O Uruguai*, Basílio da Gama concentra-se na luta pombalina para expulsar as raízes jesuíticas das colônias portuguesas, exemplificando com o caso do Brasil, até então colônia de Portugal, na ocasião da Execução do Tratado de Madri. No poema, temos a rebeldia do índios como motivos que levaram os padres a serem expulsos, justificando que os jesuítas incitavam os índios a se rebelarem contra o rei. Assim, o poema configura a luta do Estado contra a Igreja na dominação da colônia, e por fim o triunfo do colonizador sobre a igreja e os índios.

*O Deserto*, de Manuel Inácio da Silva Alvarenga, expressa em seus versos narrativos uma sentimento confiante e eufórico quanto ao desenvolvimento científico. Apresenta abundantes exaltações às famosas Reformas Pombalinas, enchendo de louvores o Rei D. José I e seu ministro Marques de Pombal, pelos seus grandes feitos.

Silva Alvarenga expressa, em sua obra, como seu pensamento estava fortemente influenciado pelos ideais iluministas da época. Como membro da Arcádia Ultramarina, com o pseudônimo de Alcindo Palmirendo, não era diferente dos seus amigos e poetas arcades. O poema herói-cômico analisado aqui faz uma sátira cômica aos estudos que eram realizados nas Universidades antes das Reformas Pombalinas e da chegada do Iluminismo, na Universidade de Coimbra.

A obra, tanto na temática como no ritmo sonoro, nos remete à fugacidade arcádica, pois a fuga que Gonçalo e seus amigos praticam é expressa nos versos *enjambement*, ou seja, no cavalgamento entre um verso e outro em busca de uma unidade de sentido. Para os desertores, aquela vida de estudos, proposta pelos novos métodos baseado no Racionalismo, não fazia sentido, por isso, dando ouvidos à voz da Ignorância, buscam aquilo que eles acreditavam ser o verdadeiro sentido da vida, tanto para eles quanto para os arcades: uma vida simples no campo, longe da cidade. No caso dos estudantes, longe dos exaustivos estudos implementados pelas Reformas Pombalinas, em prol do progresso científico.

Progresso científico esse que será questionado e menosprezado pelos seguidores da rainha D. Maria I,

a “Deusa da Estupidez” do poema *O Reino da Estupidez*, de Francisco de Melo e Souza. No anti-épico é narrada a chegada da rainha, a anti-heroína, na decadente Lisboa, e na Universidade de Coimbra após o declínio de Pombal e do pombalismo, figurando o retrocesso da modernização e retorno da treva, simbolizada pelo pensamento religioso.

Assim, confirma-se o que foi dito a princípio, ou seja, que os três poemas aqui analisados refletem um momento ideológico importante e decisivo no governo de Pombal, isto é: *O Uruguai*, de Basílio da Gama, retrata a luta pombalina contra os jesuítas; em *O Desertor*, Silva Alvarenga apoia a modernização dos estudos universitários empreendida pelo Marquês de Pombal; e em *O Reino da Estupidez* (1785), Francisco de Melo Franco satiriza o regresso da treva pré-iluminista e a volta da rotina com o declínio do Marques de Pombal e a ascensão da rainha D. Maria I ao trono português, evocando a Memória do “bom ministro”. Logo, conclui-se que tais obras esboçam em versos um Ciclo Pombalino na Literatura Brasileira.

## REFERÊNCIAS

### Obras literárias

ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. *O Desertor: poema herói-cômico*. 1.ed. Coimbra: Na real officina da Universidade, 1774. Acervo Digital da BRASILIANA USP, Disponível em <brasiliana@usp.br>. Último acesso em Agost. de 2012.

\_\_\_\_\_. *O Desertor: poema herói-cômico*; notas ao poema Joaci Pereira Furtado, Ronald Polito. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

GAMA, Basílio da. *O Uruguai*. 1.ed. Lisboa: na Régia Officina Tipografica, 1969.

\_\_\_\_\_. *O Uruguai*. In. *O Uruguai; A declamação trágica*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

MELO E FRANCO, Francisco de. *O Reino da Estupidez*. 1818. Versão digitalizada pela UNAMA: Universidade Amazônica. Disponível em: <[http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/leit\\_online/franc\\_melo.pdf](http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/leit_online/franc_melo.pdf)>. Último Acesso em: nov. 2015.

### Obras críticas científicas

ALBUQUERQUE, Luiz de. *O Reino da Estupidez e a reforma pombalina*. Coimbra: Atlântica, 1975.

ARRUDA, Paulo H. de M. *As Reformas Pombalinas na Universidade de Coimbra: algumas considerações*. PUCRJ: IX Congresso Nacional de Educação- EDUCARE, III Encontro Sul brasileiro de Psicopedagogia. 26 a 29 de out. 2009.

CARVALHO, Laerte Ramos de. *As reformas pombalinas da instrução pública*. São Paulo: Saraiva, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1978.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à Literatura Brasileira*. São Paulo: Humanitas Publicações - FFLCH/USP, 1999.

\_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. 9.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006-a.

\_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos, 1750-1880*. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006-b.

FALCON, Francisco Calazans. *Pombal e o Brasil*. In: TENGARINHA, José (Org.). *História de Portugal*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: UNESP; Portugal, PO: Instituto Camões, 2000. 371p.; 23cm. -- (Coleção História)

LAROUSE, Ática. *Ciclo*. In. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Paris: Larouse / São Paulo: Ática, 2001, p.192.

NEJAR, Carlos. Arcádia e os poetas mineiros no século XVIII – Manuel Inácio da Silva Alvarenga, In. *História da Literatura Brasileira: da carta de Caminha aos Contemporâneos*. São Paulo: Leya, 2011, p. 77-78.

NUNES, Cristiane Tavares da Fonseca de Moraes. *A Universidade de Coimbra e a Reforma Pombalina de 1772*. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

NUNES, Rossana Agostinho. *Nas sombras da Libertinagem: Francisco de Melo Franco (1757-1822) Entre Luzes e censura no mundo Luso-Brasileiro*. Niteroi, Dissertação de Mestrado em História da UFF, 2011.

OLIVEIRA, Luiz Eduardo (org.). *A legislação pombalina sobre o ensino de línguas: suas implicações na educação brasileira (1757-1827)*. Maceió: EDUFAL, 2010.

\_\_\_\_\_. *O Mito da Inglaterra em Portugal*. Palestra proferida no II SEFELI, na Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão - SE, 19 jun. 2013.

SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *Obras Poéticas de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga* (Alcindo Palmireno) colegiadas,

anotadas e precedidas de juízo crítico dos escritores nacionais e estrangeiros e de uma notícia sobre o autor e suas obras e acompanhadas de documentos históricos por Joaquim Norberto de Souza Silva. 1 tomo Rio de Janeiro: Livraria B.L.Garnier, 1864.

TEIXEIRA, Ivan. *Mecenato Pombalino e Poesia Neoclássica*: Basílio da Gama e a Poética do encômio. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

TENGARRINHA, José (org). *História de Portugal*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: UNESP; Portugal, PO: Instituto Camões, 2000.

TOPA, Francisco. “Da teoria à crítica literária: reexame da questão à luz de um texto inédito do autor” “Os sonetos: atribuições ignoradas e inéditos”. Porto, XIV: *Revista da Faculdade de letras: Línguas e Literaturas*, 1997. P. 343-398.

\_\_\_\_\_. *Para uma edição crítica da obra do árcade brasileiro Silva Alvarenga*: Inventário sistemático dos seus textos e publicação de novas versões, dispersos e inéditos. Porto: Edição do Autor, 1998.

TUFANO, Douglas. Século XVII - Arcadismo. In: *Estudos da Literatura Brasileira*. 3ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1983.

TUNA, Gustavo Henrique. *Silva Alvarenga*: representante das Luzes na América portuguesa. São Paulo, Tese de doutorado em História Social/USP, 2009.

VERNEY, Luís Antonio. *Verdadeiro Método de Estudar*. Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1952.

## Material da internet

CORREIA, Arlindo. *O Reino da Estupidez*. 2011. Disponível em: < <http://arlindo-correia.com/180311.html> > Último acesso em nov.2015.

FRANCO, Sandra Aparecida Pires. *Reformas Pombalinas e o Iluminismo em Portugal*. Fênix: Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 4, ano IV, n.4, dez. 2007. Disponível em: < [http://www.revistafenix.pro.br/PDF13/SECAO\\_LIVRE\\_ARTIGO\\_3-Sandra\\_Aparecida\\_Pires\\_Franco.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF13/SECAO_LIVRE_ARTIGO_3-Sandra_Aparecida_Pires_Franco.pdf) > .último acesso em novembro de 2015.

## O AUTOR

**Ellen dos Santos Oliveira** é Graduada em Letras Português e suas respectivas Literaturas pela Faculdade São Luís de França (FSLF-SE). Especialista em Cultura e Literatura pelo Centro Universitário Barão de Mauá (CUBM-SP). Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), na área de estudos Literários e linha de pesquisa Literatura e Cultura. Membro do CIMEEP - Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos da Universidade Federal do Sergipe. Membro do NEC - Núcleo de Estudos de Cultura da UFS (grupo de pesquisa). É poetisa, contista e Escritora. É autora dos trabalhos literários: O despertar de um domingo (conto); Rabiscos Poéticos (Poesias); Coleção Poesias que gritam: “Não ao Racismo”, “Não à violência”; (poesias); Memórias de Infância, parte 1 (contos); Memórias de Infância, parte 2 (contos); Poesias Nuas (poesia); É tempo de Amar, vol.01 (poesias); É tempo de Amar, vol. 02 (poesias); É tempo de Amar, vol. 02 (poesias); O instante (contos); Mágoas de um amor (poesias); Lua cheia (Contos). Essas obras estão disponíveis para leitura no site: [http://www.bookess.com/profile/ellen\\_oliveira/books/#](http://www.bookess.com/profile/ellen_oliveira/books/#) Também já publicou em várias Antologias pela Câmara Brasileira de Jovens Escritores, recebendo o certificado de “Qualidade Literária” por seus trabalhos. E-mail: [profa.ellen.oliveira@live.com](mailto:profa.ellen.oliveira@live.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0243081448488165>.